



Cães, ratos, urubus e outros bichos: uma visão compreensiva do perfil jornalístico

Renata Carraro¹

Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM)

Dimas A. Künsch²

Universidade Metodista de São Paulo (Umesp)

Resumo: Com a liberdade, a leveza e ao mesmo tempo a seriedade que o gênero do ensaio acadêmico inspira e evoca, este texto possui um objetivo geral – a defesa do modo de escrita do perfil jornalístico – e outro específico: defender uma visão ampla e compreensiva desse mesmo perfil, tendo como interlocutor principal o jornalista e escritor brasileiro Sérgio Vilas-Boas, para quem o perfil jornalístico pode tão-somente ter como objeto/sujeito um, e somente um ser humano. O ponto de vista contrário, que não nega completamente, mas integra essa visão num contexto conversacional mais amplo, para abarcar também sujeitos não humanos, inclusive coisas, está fundado na ideia de um pensamento compreensivo, que, metodologicamente, verifica o que é possível, num texto como este, das teorias sobre o perfil jornalístico e, particularmente, se ocupa com a leitura, análise e interpretação da obra *Bandido raça pura*, do jornalista Fred Melo Paiva, lançada em 2014.

Palavras-chave: jornalismo; perfil jornalístico; jornalismo literário; compreensão; método.

Este ensaio, em forma mais de conversa que de argumentação lógica e de explicação, amparando-se em alguns princípios de uma episteme compreensiva,³ como

¹ Professora de Jornalismo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) de São Paulo. Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). E-mail: recarraro69@gmail.com.

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social e da Graduação em Jornalismo da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: dimas.kunsch@metodista.br.

³ O site do grupo de pesquisa “Da Compreensão como Método” (www.dacompreensao.com.br) traz textos de livros, de revistas e outros que podem situar o leitor interessado na ambiência ou campo semântico de um pensamento, teoria e epistemologia compreensivos. Outros aportes podem ser encontrados no site da Compós, nomeadamente nos Anais de seus Encontros Anuais

os do diálogo e da inclusão, começa por se referir à *philia*, ou aos amigos, no sentido ético-filosófico do termo, como o emprega tantas vezes Epicuro (2002). Trata-se de gente, bem próxima no círculo dos afetos (MEDINA, 2003, 2006), que tem se dedicado a estudar o perfil jornalístico, delineando seus contornos teóricos e suas virtualidades. Temos consciência de que essa roda inicial de conversa, que em momentos específicos se dá na própria sala de estar dos autores que assinam este texto, pode gerar algum desconforto nas fileiras da chamada *blind* ou *peer-review*, mas nos alegra repetir, com Adorno (1986, p. 187), que “a mais intrínseca lei formal do ensaio é a heresia”. Outrossim, pedimos licença para lembrar um texto, escrito nove anos atrás (KÜNSCH; CARRARO, 2011), com o sugestivo e nada modesto título de “A comunicação sob o signo da compreensão: o protesto do ensaio contra a chatice e a arrogância do discurso científico dominante”.

No Brasil, é nada menos que impossível se referir ao perfil jornalístico sem mencionar os jornalistas Sérgio Villas-Boas (2002, 2014), Edvaldo Pereira Lima (2009) e Monica Martinez (2016; KÜNSCH; MARTINEZ, 2007), que, numa espécie de círculo dentro do círculo de amigos, trafegam com desenvoltura no terreno daquilo a que Renata Carraro (2019), em *Narrar é preciso: uma viagem pela teoria e prática do perfil jornalístico* (CARRARO, 2019), sua tese de doutorado, dá o nome de “berço espiritual do perfil jornalístico”: o jornalismo literário.

A tese foi orientada por Mateus Yuri Passos, que integra com amplo poder de fala essa roda de conversa (PASSOS, 2013, 2014, 2014a, 2016, 2017, 2017a, 2018), com suas pesquisas e vínculos acadêmicos nacionais e internacionais no interior do mesmo “ambiente espiritual” do jornalismo literário e, especificamente, do perfil jornalístico, a partir principalmente do estudo de Joseph Mitchell e de *O segredo de Joe Gould* (MITCHELL, 2003).⁴

(https://www.compos.org.br/encontros_anuais.php) dos anos 2009-2010 (GT Epistemologia da Comunicação) e 2016-2019 (GT Comunicação e Cultura), em que foram apresentados textos sobre essa temática, assinados por Dimas A. Künsch em parcerias com Mateus Yuri Passos, José Eugenio Menezes e Roberto Chiachiri.

⁴ Em sua tese de doutoramento, Carraro (2014) procura inicialmente traçar um perfil teórico e prático do perfil jornalístico por meio de uma conversa estreita com os autores brasileiros citados e com outros autores, nacionais e internacionais, e do estudo de produções de perfis como, entre outras, *A vida que ninguém vê*

Na parte final de *Perfis: o mundo dos outros – 22 personagens e 1 ensaio*, Vilas-Boas (2014) apresenta o que chama de um ensaio sobre “a arte do perfil” – aliás, os autores mencionados tratam sem exceção do perfil como “arte”, o que em si mereceria um aprofundamento, em outro momento que não este. Ali, o autor apresenta 32 dicas, ou, como ele diz, “anotações que resumem o que foi abordado” em seu livro, uma obra que retoma, amplia e faz ajustes ao seu texto original, lançado em 2002.

Interessa-nos especialmente o trecho em que Vilas-Boas defende que o perfil só pode ser de pessoa viva, uma única pessoa. “Jornalisticamente falando”, sempre de acordo com o autor, não pode existir perfil de um cachorro, um bairro, uma cidade, um grupo, uma época histórica... “Em jornalismo, o ponto de vista é sempre humano”, afirma Vilas-Boas (2014, p. 272), do que em princípio não é fácil discordar, ainda que, a nosso juízo, não se deva confundir ponto de vista humano de um texto e a discussão sobre por que os não-humanos não poderiam também ser tomados como objetos/sujeitos de perfis, um ponto de vista este que pretendemos pleitear por meio de um exemplo concreto, a seguir. Vilas-Boas (2014, p. 272) escreve:

Lugares, animais, grupos etc., por mais vivos – por mais marcantes que sejam as suas culturas, personalidades e almas –, nada verbalizam por si mesmos. A cultura, a personalidade e a alma de um lugar, de um animal ou de uma comunidade são o resultado da soma das interpretações, versões, percepções – linguagens, enfim – humanas.

Sem entrar numa discussão, que talvez nos levasse longe demais, sobre a ideia de que “lugares, animais, grupos etc. [...] nada verbalizam por si mesmos”, e sem pretender levantar, dentro e fora do Brasil, uma lista extensa de exemplos que atestariam o reducionismo da posição teórico-prática do autor, queremos tão-somente, no ato mesmo de discordar, evocar uma atitude intelectual compreensiva, que vê as possibilidades do

(BRUM, 2006) e *Casa de taipa: o bairro paulistano da Mooca em livro-reportagem* (KÜNSCH, 2006). Destaque merece o estudo de caso da série “Jornalizando”, de produção de perfis por alunos do curso de Jornalismo. A série conta até o momento com três volumes publicados (CARRARO, 2013, 2015, 2017), que reúnem perfis de 40 profissionais jornalistas.

perfil jornalístico num cenário mais amplo. Como gostaríamos de argumentar, ainda que o espaço dedicado a este texto não nos permita aprofundar esse tópico, essa visão mais ampla do perfil jornalístico promete bons resultados, tanto para a produção de perfil quanto para a prática social do jornalismo como parte daquilo a que Medina (2003) chama de “a grande narrativa da contemporaneidade”.

1. Uma visão ampliada do perfil jornalístico

Provocado por essa mesma questão e apoiando-se amplamente na tese de doutorado do orientador de seu TCC em Jornalismo da Universidade de Brasília (UnB), intitulada *Um retrato interior: o gênero perfil nas revistas The New Yorker e Realidade* (PANIAGO, 2008), Elisson Amate (2013), em *Pefilar coisas: o inumano no centro da narrativa jornalística*, se posiciona, como nós, a favor de “uma compreensão mais ampla do gênero perfil”, para abarcar, justamente, não apenas seres humanos, mas também coisas, tanto vivas como inanimadas.

Amate julga perceber nessa posição de defesa “religiosa” do perfil como sendo apenas de pessoas não só uma contradição – os defensores dessa tese se reportam sem exceção à *The New Yorker* como a principal disseminadora do gênero, mas esquecem de olhar para o fato de que a própria revista não fez essa restrição –, mas também o exercício de “operações cartesianas dos estudos sobre gêneros jornalísticos, em especial do texto perfil” (AMATE, 2013, p. 106) – sem negar que, qualquer que seja o caso, perfil de gente ou de animais e coisas, o lugar central da produção de sentidos recai, de fato, sobre o humano, ainda que, dizemos nós, distintas possam ser as formas de se fazê-lo.

Mas vamos, finalmente, à obra *Bandido raça pura: e outros 35 perfis de ilustres mais ou menos virtuosos, notáveis anônimos, cães, ratos, urubus e coisas supostamente inanimadas* (PAIVA, 2014), que é o exemplo que queremos apresentar aqui. Título e subtítulo chamam a atenção, e o mesmo se pode dizer do rosa-choque da capa de Renata Zincone, da tipologia nada convencional e da ilustração de um pit bull com uma coleira de pontas de metal. Título e ilustração remetem ao perfil “Eu, bandido raça pura”, que integra a terceira das quatro partes em que se divide a coletânea, parte esta que recebeu o título de “Dos cães, ratos e urubus”. Esta e a parte seguinte, intitulada “Das coisas

supostamente inanimadas”, serão objeto de uma atenção maior neste ensaio, a terceira, por incluir perfis não humanos de animais, e a quarta, de coisas.

Complementa a linguagem espetaculosa a informação de que o livro é “do jornalista da série O Infiltrado”, do History Channel. O autor do livro, Fred Melo Paiva, formado pela PUC-MG, é referenciado, no ano de lançamento do livro, como colunista do jornal *Estado de Minas*, ex-diretor de redação das revistas *Trip* e *Tpm*, editor de *O Estado de S. Paulo* e repórter de *Playboy*. Lançou, em 2013, um livro com 78 crônicas publicadas aos sábados no *Estado de Minas*, com o título de *O atleticano vai ao paraíso*.

Bandido raça pura reúne 36 perfis e reportagens, como chama a atenção, na Apresentação, o jornalista Ricardo Setti, um dos ex-diretores da Editora Abril, com longos anos na direção da revista *Veja* e que era dirigente da *Playboy* quando nela Fred Melo Paiva iniciou sua carreira, em 1996. Trinta e um dos textos foram publicados em *O Estado de S. Paulo* nos anos de 2004 (1), 2005 (12), 2006 (8), 2007 (7) e 2008 (3).

Ninguém precisa mais do que ler *Bandido raça pura* para se convencer “de que, sim, em alguns casos, o jornalismo se alça à categoria de arte”. Quem duvida deixaria de fazê-lo, como opina Setti (2014, p. 9-10), que entende que aqueles que vivem discutindo se existe ou não jornalismo literário perdem tempo à toa em sua “masturbação sociológico-litero-semiótica. Pois é!

Os incrédulos face às vicissitudes e ao potencial do jornalismo literário, continua Setti, deveriam ler o livro de seu pupilo, cujo talento, ele diz, teve o privilégio de ver nascer “em estado puro”, e de quem elogia, em diferentes momentos da Apresentação, “o culto do bom vernáculo”, “a variedade de tipos e situações” com a qual trabalha, “a agudeza de repórter, sua atenção a detalhes”, “os olhos e os ouvidos atentos para tudo”, a “narrativa preciosa”, “a desconcertante facilidade com que Fred muda a forma e o enfoque da narração”, a “permanente inquietação” do autor, seu “talento”. Coletâneas com seleção de reportagens publicadas costumam ser “chatas, quando não chatíssimas”, expressa Setti, logo se apressando em esclarecer que, “com Fred, porém, é o contrário”:

Seria de fato preciso esforço e denodo para transformar em chato um livro que contém perfis que vão de Cauby Peixoto a Oscar Niemeyer, de Cléo Pires a um atleta paraolímpico campeão, dos donos de uma casa de swing a Ronaldo Fenômeno, passando pelo último carcereiro do presídio do Carandiru, por Dorival Caymmi, por dois cachorros

especialíssimos ou por um personagem inanimado, o aparelho de ar condicionado – “Ó Ar Condicionado que estais no céu, ou mesmo no alto da parede, santificado seja o vosso nome, vem a nós o vosso reino...”, reza o texto de Fred, que em seguida incursiona por ácaros e doenças respiratórias (SETTI, 2014, p. 10).

Os olhos e ouvidos atentos do autor, aponta ainda Setti, identificam na boca da atriz Cléo Pires “um quê de Coringa do Batman”, e se mostram do mesmo modo atentos em outros muitos momentos, atravessando toda a obra, o que quer dizer em todos os perfis, incluindo os de animais e de coisas, tanto quanto os de gente:

O peso da idade, observa em outro perfil, tornou corcunda Apolonio de Carvalho [“As peijas de um otimista irreversível”], o histórico militante comunista que foi voluntário na Guerra Civil Espanhola e na Resistência Francesa. Na oficina do velho fazedor de maquetes que colaborou até com o arquiteto Rino Levi quando da concorrência para o Plano Piloto de Brasília [“Memória construtiva”], entre miríades de coisas, o repórter anota uma coleção de latas de leite Ninho e de paçoca abrigando miniaturas de carros e pessoas. A horas tantas, capta e registra o falar guimarãesrosiano de seu Francisco Camargo, pai da dupla sertaneja Zezé de Camargo e Luciano [“A transposição do velho Chico”], segundo o qual quando os filhos começaram a fazer sucesso “o povo agrumurou em cima de nós” e ele próprio é “um sujeito sem educamento de vozes” (SETTI, 2014, p. 11. Títulos dos perfis entre colchetes foram acrescentados pelos autores).

Onze perfis compõem a primeira parte da obra, chamada “Dos ilustres mais ou menos virtuosos” (Oscar Niemeyer, Dorival Caymmi, Apolônio de Carvalho, Ronaldo Fenômeno, Cléo Pires, Alessandra Ambrósio, Clodoaldo da Silva, Cauby Peixoto, Jamelão, Joãozinho Trinta e Virgílio Gonçalves), enquanto a segunda parte, “Dos notáveis anônimos”, seguindo na linha do que propõe Vilas-Boas (2014, p. 272), é mais extensa, com 13 textos, sobre “notáveis anônimos” cujos nomes sozinhos não bastam para a gente ficar sabendo por que merecem ser personagens da arte do perfil:

“Seu Francisco, o pai de Zezé de Camargo e Luciano”;
“Seu Luiz, o mais velho integrante das marchas do MST”;
“Rubão, ocupante-símbolo da Reitoria da USP”;
“Seu Triviño, o homem da maquete modernista”;
“Luciana, Paulo e Gabriel, sócios da Neffertitti” (casa de swing);
“Valdemar Gonçalves, ex-carcereiro do Carandiru”;
“Antônio ‘comandante’ Jorge, mendigo lotado na Avenida Paulista”;

“Os Breg, uma família paulistana na luta contra as enchentes”;
“Eudes Matar, candidato nanico à Presidência em 1989”;
“Ceará cozinheiro, morto em frente à Prefeitura”;
“Paulo César de Araújo, o biógrafo proibido”;
“Doutor Coelho, o mais antigo médico-legista do IML de São Paulo”;
“Edilson Avelino dos Santos, pai de Jonatas, o garoto que se perdeu na Amazônia”.

2. O cachorro Boris não era um cão

“Dos cães, ratos e urubus”, a terceira parte, conta as histórias de “Boris, o cão-guia que mudou a lei”, “Bandido raça-pura, o pit bull atleta”, “Carniça, Lodo e Sujeira, urubus da Bienal” e “Os ratos na maior cidade do Brasil”, enquanto a quarta e última parte, “Das coisas supostamente inanimadas”, traz “A favela colada à nova Daslu”, “O ar condicionado, esse santo”, “Elevado Costa e Silva, o Minhocão”, “Viação Aérea Rio-Grandense, a velha Varig”, “Sucatão, o Boeing aposentado pela Presidência”, “A fila do passaporte”, “Vila de Jaguará (MG), uma cidade à venda” e “O leilão do Abadia”.

A relação dos perfis serve para mostrar a riqueza dos personagens que frequentam o livro, pessoas com ou sem projeção social e/ou midiática, animais (cães, urubus e ratos) e coisas “supostamente inanimadas” (uma favela, o ar condicionado, o Minhocão, a Varig, o avião aposentado, uma fila, uma vila e um leilão).

“I am not dog no” conta com sensibilidade a história de “Boris, o cão-guia que mudou a lei”. Ou seria a história da advogada Thays Martinez – sua proprietária, talvez melhor chamá-la de amiga, quase irmã ou talvez ainda mãe, uma batalhadora, que perdeu a vista quando tinha 4 anos de idade por causa de uma caxumba? Ou seria, ainda, a história de um país, que é como se fosse convocado por Boris, um simpático cão labrador, a prestar contas do respeito devido aos direitos das pessoas – e dos animais?

A primeira vez que Boris deu com a cara na catraca foi na estação Marechal Deodoro do Metrô. Possuindo rabo e sendo quadrúpede, foi tratado como um cachorro: “Aqui não são permitidos animais”, rosnou o funcionário da companhia, barrando sua entrada. Boris não entendia nenhuma palavra de português – é cidadão americano e está no Brasil a trabalho. Limitou-se a mostrar a língua, sem que houvesse nisso qualquer atitude de escárnio.

– O fato de ele ser um animal é apenas uma coincidência – intercedeu a advogada Thays Martinez, 32 anos, fiel companheira de Boris. – Ele

não está aqui como bicho de estimação. Eu sou cega e este cão é o instrumento que me permite andar pela cidade.

Diante do inesperado argumento de que o cachorro não era um cão, o funcionário decidiu acionar a chefia (PAIVA, 2014, p. 183).

Foram sete horas, ali, naquele dia, diante do portão de entrada. Especialista na condução de pessoas cegas, Boris (ou Chips, que é como ele antes se chamava em sua pátria de origem) foi buscado nos Estados Unidos pela advogada quando ela tinha 26 anos, “de graça, porque a ética de manuseio do cão-guia é a mesma do transplante de órgão”, como informa Thays.

“Chips virou Boris. E Boris operou uma mudança substancial na maneira como Thays passou a enxergar o mundo. ‘Tudo o que construí nos últimos anos’, ela diz, ‘foi consequência direta ou indireta da qualidade de vida que o Boris me trouxe’” (PAIVA, 2014, p. 186). E o bicho-bicho americano contribuiu com sua história de bicho para mudar a lei: “A abdicação de Boris foi premiada essa semana, quando a Justiça finalmente liberou sua pessoa jurídica para utilizar o Metrô sem nenhuma restrição. ‘Uma boa discussão pode abrir portas antes insuspeitadas’”, escreveu Quiroga na sua coluna de horóscopo, sexta-feira passada, a respeito dos librianos. Boris é de Libra” (PAIVA, 2014, p. 184).

Um cachorro que não é cachorro (o título, na língua materna do Boris, brinca com “Eu não sou cachorro não”, a música de maior sucesso de Waldick Soriano, lançada em 1972 e regravada 20 anos depois por Falcão, em inglês “macarrônico”) e uma pessoa cega que enxerga, qual Tirésias dos mitos e tragédias gregas!

No perfil do Boris – já nos tornamos íntimos, e também porque, vamos confessar com certo orgulho, moramos bem ao lado da referida estação, que, não sendo a estação de Metrô de Paris que lembra a Queda da Bastilha, tem lá o seu charme –, o bicho-bicho vira gente e o bicho-gente vira bicho (o funcionário do Metrô é quem “rosna”): o Boris “é cidadão americano”, é invejável a dedicação dele “à sua carreira profissional”, encara seus “desafios profissionais” com toda seriedade, “há seis anos no Brasil, aprimorou muito a sua capacidade de parecer gente”, “é de uma responsabilidade comovente”, “estará aposentado quando completar dez ou 11 anos (70, em termos humanos)”, que é

quando “terá de ser substituído, podendo se dedicar a ser um cachorro comum em tempo integral”, não uma “pessoa jurídica”.

“Humano”, quase “demasiado humano” (Nietzsche), o Boris adora um “suborninho” (um biscroc) – “Boris já abrigou-se e esse não é o único indício. Boris gosta de água de coco e de Chico Buarque”. É malandro, às vezes:

Um dia, enquanto caminhava pela calçada, Thais notou uma estranha curva, que ia até o meio da rua e depois retornava à calçada. Voltou para verificar-se da necessidade daquele desvio e descobriu que Boris se desvencilhara de uma árvore caída. “Parabéns, Boris!”, disse ela, sacando do bolso o biscroc. Mais adiante, o movimento se repetiu. Mais um biscroc. Logo depois, outro desvio, novo biscroc. Na quarta vez ela perguntou para alguém que passava: “Por que ele está fazendo essas curvas?”. “Da primeira vez havia uma árvore no chão”, responderam. “Mas das outras vezes não tinha nada...” Tinha biscroc (PAIVA, 2014, p. 187).

Treinado pela ONG americana *Leader Dogs for the Blind*, tendo na infância sido entregue por um ano a uma família voluntária para a “socialização” (rua, shopping, avião..., “boas maneiras”) e passado em seguida por um treinamento na escola, que durou mais cinco meses, Boris estava apto para assumir o seu lugar social e político nas ruas do bairro paulistano da Barra Funda como em qualquer outro lugar por onde Thays circula. Estava junto com ela na agência do Banco Real, onde ele a deixava todo dia na frente de sua escrivaninha durante o tempo em que lá trabalhou; depois, no Ministério Público e, mais tarde, no Instituto Iris (de Responsabilidade e Inclusão Social), cuja presidência Thays assumiu.

Com a ajuda preciosa de Boris, Thays ganhou confiança de sair da casa dos pais para morar sozinha – “quer dizer, com ele”. “Recentemente, Thays descobriu que Boris também gosta de uma cobertura sobre o corpo – de modo que um dia desses é capaz que ele acenda o abajur e puxe um livro do criado-mudo” (PAIVA, 2014, p. 188).

Deixando agora o Boris entregue aos cuidados da Thays e sempre atento para ganhar mais um biscroc, semelhantes sentimentos são evocados no perfil do “Bandido raça-pura, o pit bull atleta”, mas o espaço é pouco para persegui-lo em seus detalhes e nuances. Humanidade ou humanização, que mistura histórias de bichos, de gente, de uma

cidade e um país, transparecem do mesmo perfil do pit bull que dá nome à coletânea do autor, que também enfrentou problemas com a Justiça: estão querendo “castrar os irmãozinhos... Que que isso, rapá? Que violência é essa? Pra que isso? Já tá todo mundo de focinheira, mermão...” (PAIVA, 2014, p. 194). O ponto de vista, com a liberdade que o “ambiente espiritual” do jornalismo literário permite, é o do próprio cachorro, que tece comentários incômodos sobre os humanos e suas cachorrices. Estranho, o bicho-homem. Aliás, o ponto de vista, na verdade, é o de um morto – que veio aqui “dar esse testemunho”:

Em dezembro do ano passado, depois de um longo passeio, eu me acomodei no canto da sala para uma pestana merecida. Acordei morto. Tinha 11 anos de idade e é provável que o meu coração tenha finalmente ido para o saco. O Rogério verificou o ocorrido e se emocionou. Depois levou o meu cadáver para o Pet Memorial, um crematório de cachorro. Nunca mais voltou lá, porque cachorro não tem esse negócio de pegar as cinzas (PAIVA, 2014, p. 193).

3. Carniça, Lodo e Sujeira

Tiveram igualmente problemas com a Justiça do bicho-homem os três urubus que durante a 29ª. Bienal de Arte de São Paulo, em 2010, ficaram conhecidos como “Os Urubus da Bienal”, mas que têm nome – Carniça, Lodo e Sujeira –, e endereço: o Parque dos Falcões, em Itabaiana, Sergipe, a 45 quilômetros de Aracaju. O Parque, sempre nos referindo ao ano em que o perfil foi escrito, abriga 330 aves de rapina apreendidas pelo Ibama ou resgatadas em condições precárias, quase todas aleijadas ou mutiladas, todas elas com histórias boas de se contar. Como essa e muitas outras de Carniça, Lodo e Sujeira, que frequentaram por 14 dias a instalação de Nuno Ramos no mais importante evento brasileiro de arte, até serem de lá retirados “por ordem da Justiça”.

Deixaram saudades: “Quando Nuno soube que a *Folha* iria até Sergipe rever os ‘urubus da Bienal’, escreveu à reportagem: ‘Dê um abraço cordial nos meus bichinhos. Diga que sinto falta deles. E que amor impossível é que é amor’” (PAIVA, 2014, p. 196).

Não é porque o sujeito é urubu que ele não tem uma história particular. Carniça, por exemplo, viveu entre o céu e o inferno. Com um tendão atrofiado, decolava tipo uma galinha – uma galinha preta. Dessa forma,

ao invés de ser atingido por um Boeing, foi atropelado por uma moto em Aracaju. Levado à casa do criador de aves de rapina José Percílio Mendonça, 35, chegou completamente escangalhado (PAIVA, 2014, p. 195).

Foi salvo do escangalhamento e se apaixonou pela Fedor, com quem, aliás, no início não se dava. Mas a história do bicho-bicho se cruza aqui, de novo, com a história do bicho-homem, no caso, com a história de José Percílio:

Para reverter o anticlímax, Percílio foi para a mata observar como nascem os bebês *Cathartes burrovianus*, o urubu de cabeça amarela. Determinado a “pôr esses dois pra namorar”, preparou “um motelzinho” a partir de sua experiência de voyeur. Fez um ninho de pedra e um “poleiro da dança”. Foi nesse aí que a Fedor se encontrava quando o Carniça atacou pela retaguarda.

Carniça passou a viver, então, numa trepantina danada. Aos 15 anos, já produziu oito filhos – e não deixou de fazer sexo nem durante a primeira versão de “Bandeira Branca”, apresentada por Nuno Ramos no CCBB de Brasília em 2008. Sempre com a Fedor, porque o urubu, como o gavião, é fiel.

Dessa filharada vieram Lodo e Sujeira, além de Romualdo e cinco anônimos. Sujeira, 10, é o mais proeminente. Já fez ponta em documentário japonês, e acaba de gravar um longa com Matheus Nachtergaele – *Na quadrada das águas perdidas*, direção de Wagner Miranda e Marcos Carvalho. “Ele é o autor mais principal do que o Matheus”, aumenta Percílio (PAIVA, 2014, p. 196).

E seguem as histórias...

As linguagens dos afetos (MEDINA, 2006) se mostram capazes, no cotidiano da existência e de uma prática jornalística informada pelo humano, de transformar um “Isso” – objeto – em um “Tu” – sujeito –, seja o objeto humano ou não-humano, como Martin Buber (2004) diz ser possível, sob o signo da relação. No comércio do bicho-homem com o bicho-bicho, criam-se e se inter cruzam sentidos que podem reverberar para uma completa visão de mundo. E é assim que o bicho-homem Percílio, que comanda há dez anos o criadouro conservacionista Parque dos Falcões e que lida com os animais há quase três décadas, “desenvolveu toda uma técnica para lidar com as aves”:

Basicamente, trata todo mundo igual cachorro: faz carinho, coça a barriga, chama pelo nome. Usa a linguagem do animal (pia). Descobriu

que, passando alecrim no corpo, podia disfarçar o próprio cheiro em incursões na mata para observar a vida selvagem. Se o ovo trinca, ele põe um esparadrapo. Se a pena quebra, superbonder. “É por isso que digo: conheço meus urubus. O que estava incomodando eles na Bienal eram os protestantes retardados”, diz, em referência aos que protestaram contra a presença dos animais (PAIVA, 2014, p. 198).

E, então, vêm as histórias humanas dos ratos, em “São Paulo é uma festa”, com informações relevantes sobre os roedores, suas características e os riscos que representam para os humanos.

“Paris de rato é São Paulo. [...] para suportar as condições adversas, ratos diminuem o tamanho de suas famílias, diminuindo conseqüentemente o grau de suas infestações”, como no caso da ameaça de falta de comida, por exemplo: os adultos eliminam (comem) filhos indesejados, as fêmeas perdem o desejo sexual. “Mas em São Paulo isso não acontece. A vida está boa e sempre cabe mais um – é uma festa” (PAIVA, 2014, p. 201).

O rato é um cara problemático. Provoca tifo, febre da mordida, hantavírus, triquinose – segundo a Organização Mundial da Saúde, transmite 55 doenças. Se fosse só isso, estava horroroso, mas estava bom. A ficha corrida do rato, no entanto, é muito mais comprida. Por ter dentes que crescem sem parar, tem a necessidade de roer qualquer coisa continuamente. Gosta em especial de cabos elétricos e fios telefônicos, o que transforma sua pessoa num dos mais perigosos incendiários das grandes cidades – fala-se que o rato responde por 45% dos incêndios de origem desconhecida. Em São Paulo, o Metrô é obrigado a um acompanhamento sistemático de suas instalações. Há 32 anos mantém em seus quadros o médico-veterinário Angelo Boggio. Ele coordena uma equipe de 27 pessoas que toda madrugada percorre túneis e salas de comando. O Angelo Boggio tem um apelido: é o doutor Ratão (PAIVA, 2014, p. 201-202).

4. “Das coisas (supostamente) inanimadas”

Se fatores humanos, sociais e políticos atravessam os perfis da terceira parte do livro – “Dos cães, ratos e urubus” –, o mesmo acontece com os da quarta parte – “Das coisas (supostamente) inanimadas”. Vamos tomar como exemplo, entre os oito perfis que compõem essa parte, a história do Elevado Costa e Silva – hoje Elevado Presidente João Goulart –, o Minhocão.

– Minhocón? Eu não gosto de falar Minhocón! É Elevado Costa e Silva. Esse povo aqui apelida todo mundo... Cosa de Brasil (PAIVA, 2014, p. 219).

Dona Mary, ou Mary Deheza Balderrama, uma boliviana de 76 anos, “está de frente para o Minhocón há 38 anos, no quarto andar do edifício Mariana, na Avenida São João, 1925, em São Paulo” (PAIVA, 2014, p. 220). Todo o texto é em primeira pessoa, como acontece com as falas de outros moradores do Mariana (o autor coloca as informações necessárias sobre eles entre parênteses). A história de vida de Mary começou na Bolívia quando ela tinha 22 anos de idade e temia que lhe pudesse acontecer algo por pertencer à Juventude Falangista Boliviana

– [...] e meu país, ali por 52, 53, estava vivendo uma ditadura e eles non me deixavam em paz. Um dia saí de casa e bati campainha na Embaixada de Brasil. Quando abriram a porta, entrei. ‘Daqui ninguém me tira’ (PAIVA, 2014, p. 220).

As palavras foram grafadas assim mesmo, como amostra do cuidado que Fred Melo Paiva manifesta ao ouvir os falares de seus personagens – Ricardo Setti (2014, p. 11), inclusive, chamou a atenção para isso ao apontar que o autor “registra o falar guimaraêsiano de seu Francisco Camargo, pai da dupla sertaneja Zezé di Camargo e Luciano”.

E seguem as histórias de gente, pessoas como o Gilberto – Gilberto Ângelo dos Santos –, zelador do Edifício Mariana há 31 anos; a Celeste – Maria Celeste Vasconcelos –, cearense, “malufista roxa” que é encantada pela obra construída por Paulo Maluf e inaugurada em 1970, quando era prefeito “biônico” de São Paulo, nomeado prefeito pelos militares:

– Eu estou muito feliz aqui. Felicíssima!!! Eu só estou falando um pouco alto por causa do barulho dos carros lá fora!!! Mas eu sou feliz!!! Realizada!!! Sou feliz graças a Deus!!!” (PAIVA, 2014, p. 222-223).

Tem ainda a história da dona Vera – Vera Helena Vilella de Oliveira –, que, ao contrário, não gosta nem um pouco de Paulo Maluf nem do Minhocão...

Outros relatos menores comparecem, em conversa com a própria história do Edifício Mariana..., fazendo de uma coisa, o Minhocão, algo apenas “supostamente inanimado”.

5. Para começo de conversa

Bem no estilo da liberdade espiritual que o modo de expressão do pensamento chamado ensaio não só permite, mas também invoca, amparados na renúncia à ideia de se chegar a uma verdade sobre o tema em discussão, nem a conclusões, queremos apontar mais alguns tópicos que poderiam alentar a conversa em torno do perfil jornalístico. Parece-nos, em primeiro lugar, que o perfil – fugindo às racionalizações e ao “cartesianismo”, a que se refere Amate (2013), por parte de quem pretende mantê-lo sob a camisa-de-força do “bicho-homem”, se situa mais no campo da cultura e da produção de sentidos que da pura matéria e do racional. Este nos parece um motivo suficiente pelo qual pode, sim, haver perfis de qualquer coisa, assim como existe perfil de gente. Essa percepção compreensiva, ampla, plural e ecológica do perfil pode complexificar, com resultados positivos, a ideia do foco humano, no sentido de fazer dela uma visão dialógica do mundo e das coisas, mais aderente às buscas contemporâneas por respeito ao Planeta e aos seres todos que nele habitam.

Sob o ponto de vista jornalístico, tanto no que diz respeito ao profissional que produziu esses perfis quanto à sua veiculação em jornal, livro ou revista – e sem contar a sua vinculação a temas e acontecimentos que compõem, sim, o que se pode continuar chamando de “fato jornalístico”, no contexto de uma narrativa da contemporaneidade –, os textos não parecem deixar sombra de dúvida em relação à ideia de que Otto Groth – o estudioso alemão do “fenômeno jornalístico” e de suas características e funcionalidades, ainda na primeira metade do século passado – não teria algo sério a objetar. Nem o brasileiro Edvaldo Pereira Lima, com sua série de dez princípios filosóficos ou pilares do que ele chama de jornalismo literário (LIMA, 2009).

Fica patente, em todas as narrativas, o tempo, o espaço e o empenho exigidos pela reportagem – num dos casos, o dos “Urubus da Bienal”, envolvendo inclusive uma viagem a Sergipe para conhecer a história do lugar de onde vieram e a pessoa que cuida deles –, como são igualmente visíveis a sensibilidade, o engenho e a arte do jornalista nos modos como ele se aproxima de seus personagens humanos, não humanos ou “supostamente inanimados”, a apuração séria, as entrevistas, o recurso a fontes especializadas....

Definitivamente, não se trata aqui de ficção.

Referências

- ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: COHN, Gabriel e FERNANDES, Florestan (Orgs.) **Theodor W. Adorno**. São Paulo: Ática, 1986, p. 167-187.
- AMATE, Elisson Tiago Barros. **Perfilar coisas**: o inumano no centro da narrativa jornalística. Trabalho de Conclusão de Curso. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.
- BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.
- BUBER, Martin. **Eu e tu**. 8. ed. São Paulo: Centauro, 2004.
- CARRARO, Renata (Org.). **Não é aventura, é reportagem**: jornalistas e coberturas de conflitos. Jundiaí/SP: Editora InHouse, 2013.
- CARRARO, Renata (Org.). **Jornalimos**: história de uma arte plural. Jundiaí/SP: Editora In House, 2015.
- CARRARO, Renata (Org.). **Elas amam o que fazem**: perfis de mulheres jornalistas. Jundiaí, SP: In House, 2017.
- CARRARO, Renata. **Narrar é preciso: uma viagem pela teoria e prática do perfil jornalístico**. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Diretoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2019. Orientação de: Mateus Yuri Passos.
- EPICURO. **Carta sobre a felicidade a Meneceu**. Bauru/SP: Editora da Unesp, 2002.
- KÜNSCH, Dimas A. (Coord.). **Casa de taipa**: o bairro paulistano da Mooca em livro-reportagem, São Paulo: Editora Salesiana, 2006.
- KÜNSCH, Dimas A.; MARTINEZ, Monica. Histórias de vida produzidas por jornalistas-escritores: uma experiência. **Communicare**, v. 7, p. 31-41, 2007.
- KUNSCH, Dimas A. e CARRARO, Renata. A comunicação sob o signo da compreensão: o protesto do ensaio contra a chatice e a arrogância do discurso científico dominante. Trabalho apresentado ao GT Teorias da Comunicação durante o XXXIV Congresso da Intercom (Recife, PE, 2 a 6 de setembro de 2011).
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. Barueri/SP: Manole, 2009.
- MARTINEZ, Monica. **Jornalismo literário**: tradição e inovação. Florianópolis: Insular, 2016.
- MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.
- MEDINA, Cremilda. **O signo da relação**: comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.

MITCHELL, Joseph. **O segredo de Joe Gould**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MONTAIGNE, Michel de. Sobre a experiência. In: **Os ensaios**: uma seleção. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a, p. 508-583.

PAIVA, Fred Melo. **Bandido raça pura**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2014.

PANIAGO, Paulo. **Um retrato interior**: o gênero perfil nas revistas The New Yorker e Realidade. Tese (Doutorado em Comunicação - Jornalismo e Sociedade. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

PASSOS, Mateus Yuri; BELDA, Francisco R. Transpondo o abismo: a construção de perfis de cientistas. **Animus**, v. 12, p. 1-19, 2013.

PASSOS, Mateus Yuri. Jornalismo literário, humanização e polifonia: perfis da música erudita em piaui. **Revista de Estudos da Comunicação**, v. 15, p. 64-78, 2014.

PASSOS, Mateus Yuri. Perfil e contraperfil: os três Joe Goulds de Joseph Mitchell. In: PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo (Orgs.). **Narrativas comunicacionais complexificadas 2**: a forma. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2014a, p. 193-213.

PASSOS, Mateus Yuri. Profile and Counter-Profile: on Joseph Mitchell's Joe Goulds. In: JOSEPH, Sue; KEEBLE, Richard Lance (Orgs.). **Profile pieces**: journalism and the human interest bias. New York: Routledge, 2016, p. 60-69.

PASSOS, Mateus Yuri. Perfis: jornalismo enquanto arte. In: CARRARO, Renata (Org.). **Elas amam o que fazem**: perfis de mulheres jornalistas. Jundiaí, SP: In House, 2017, p. 21-31.

PASSOS, Mateus Yuri. De fontes a personagens: definidores do real no jornalismo literário. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana Quatrin (Orgs.). **Narrativas midiáticas contemporâneas**: perspectivas epistemológicas. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2017a, p. 86-97.

PASSOS, Mateus Yuri. Olhares de relance sobre a Nova York que emerge do silêncio: o jornalismo ensaístico-memorial de Joseph Mitchell. **Brazilian Journalism Research** (Online), v. 13, p. 92-111, 2017b.

PASSOS, Mateus Yuri. Sapiens e demens: o conhecimento comum na obra de Joseph Mitchell. **Mídia e Cotidiano**, v. 12, p. 191-207, 2018.

SETTI, Ricardo. Apresentação. In: PAIVA, Fred Melo. **Bandido raça pura**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2014, p. 9-13.

VILAS-BOAS, Sergio. **Biografias & biógrafos**: jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.

VILAS-BOAS, Sergio. **Perfis**: o mundo dos outros – 22 personagens e 1 ensaio. 3. ed. Barueri/SP: Manole, 2014.